

# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025

SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

## HOMENS NA EDBUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DOCENTES EM UM CAMPO FEMINIZADO

Maria Eduarda Rodrigues Magalhães<sup>1</sup>; Francisco Ullissis Paixão e Vasconcelos<sup>2</sup>

### RESUMO

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é historicamente marcada pela feminização do magistério, o que gera desafios à presença masculina nesse campo. Este artigo, vinculado ao projeto “Travessias e Marcas de Gênero: Percepções, Lugares de Fala e Tessituras de Identidade dos Estudantes Homens do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)”, discute experiências de seis estudantes homens do curso de Pedagogia durante seus estágios na Educação Infantil. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou entrevistas semiestruturadas, cujos relatos foram analisados em diálogo com produções acadêmicas sobre gênero, masculinidades e docência. Autores como Louro (1997); Badinter (1985); Vasconcelos; Pocahy (2013); Nogueira; Assis (2023); Rodrigues; Manholer; Gomes (2020); Hooks (2019); Gonzalez (1988) e Gomes (2003) dão suporte teórico aos argumentos aqui sustentados. Os resultados evidenciam que os entrevistados enfrentaram olhares de suspeita, principalmente em atividades ligadas ao cuidado corporal, além de sentimentos de isolamento em equipes majoritariamente compostas por mulheres. Apesar disso, o vínculo afetivo estabelecido com as crianças emergiu como elemento central de resistência e permanência, revelando-se fundamental para a construção da identidade docente. Observou-se ainda que educadores negros vivenciaram resistências mais intensas, sugerindo a importância da interseccionalidade entre gênero e raça na análise. Conclui-se que a inserção de homens na Educação Infantil amplia referências de masculinidade para as crianças, fortalece a democratização do espaço escolar e contribui para uma educação mais inclusiva, equitativa e plural. Dessa forma, a presença masculina nesse campo deve ser compreendida como oportunidade de transformação social e pedagógica, desconstruindo estereótipos e valorizando a diversidade.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Masculinidades; Gênero.

### 1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, como primeira etapa formal do processo educativo, é um terreno fértil para a sementeira de valores, atitudes e percepções que moldarão o futuro indivíduo e a sociedade. É nesse espaço acolhedor e vibrante que as crianças dão os primeiros passos na compreensão do mundo que as cerca e do seu lugar nele.

<sup>1</sup>Bolsista CNPQ de Iniciação Científica. Graduada em Pedagogia Email: [mrodriguesmagalhaes9@gmail.com](mailto:mrodriguesmagalhaes9@gmail.com)

<sup>2</sup> Pós-Doutor em Psicologia Social pela UERJ. Coordenador do Laboratório de Trabalho, Educação, Gênero e Subjetividades (LATEGS – UVA).



# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025

SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

Tradicionalmente, o universo da Educação Infantil tem sido predominantemente feminino, tanto em termos de profissionais que atuam na área quanto na percepção social sobre quem são os cuidadores e educadores ideais para crianças pequenas. No entanto, a crescente conscientização sobre a importância da diversidade e da equidade de gênero tem impulsionado um debate necessário e urgente sobre a representatividade masculina nesse segmento. Este artigo se propõe a explorar a relevância da presença de homens como educadores, coordenadores, diretores e demais profissionais na Educação Infantil, analisando os benefícios para o desenvolvimento integral das crianças, os desafios enfrentados por esses profissionais e as estratégias para promover um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo e representativo.

A pesquisa que embasa este artigo insere-se nesse debate, buscando compreender as experiências, desafios e percepções de estudantes homens de Pedagogia em seus estágios na Educação Infantil. O estudo articula narrativas dos entrevistados com produções acadêmicas sobre gênero, masculinidades e docência, revelando um panorama complexo e multifacetado da atuação masculina nesse campo.

A Educação Infantil, etapa fundamental na formação humana, tem sido tradicionalmente associada ao universo feminino, tanto em termos de cuidado quanto de docência. Essa configuração histórica, enraizada em concepções sociais sobre papéis de gênero, resultou em uma marcada feminização da profissão, onde a presença masculina é frequentemente vista como uma exceção, gerando um cenário de desafios e questionamentos para os homens que escolhem atuar nessa área. Este artigo se propõe a investigar as experiências de educadores homens na Educação Infantil, explorando os fatores que influenciam sua permanência e desenvolvimento profissional.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo se dedica a apresentar e discutir os fundamentos teóricos que embasam a análise das experiências de homens na Educação Infantil. A partir de uma perspectiva que entrelaça gênero, raça e diversidade, busca-se compreender os desafios e as possibilidades de construção da identidade docente em um campo historicamente associado ao feminino. Para tanto, serão explorados os seguintes eixos: a feminização da



# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025

SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

docência na Educação Infantil, os estereótipos de masculinidade e os preconceitos enfrentados por homens nessa área, a importância da afetividade e do vínculo com as crianças como estratégias de permanência, a influência da interseccionalidade entre gênero e raça nas experiências docentes, e o papel da formação para a promoção da diversidade.

## 2.1 A Feminilização da Docência na Educação Infantil: Implicações Históricas e Sociais

A docência na Educação Infantil, historicamente, foi moldada por uma forte associação com as funções maternas e o cuidado, funções estas que foram socialmente atribuídas à figura feminina ao longo dos séculos. Essa ligação cultural contribuiu para a naturalização da profissão como eminentemente feminina, um processo que resultou na chamada “feminização da docência” (Louro, 1997; Badinter, 1985). Louro (1997) discute como a escola, ao longo de sua estruturação, perpetuou e reforçou papéis de gênero tradicionais, consolidando a imagem da mulher como a principal responsável pelo cuidado e pela educação das crianças pequenas, especialmente no ambiente familiar e, por extensão, no escolar. Badinter (1985), em sua obra sobre o amor materno, explora as bases históricas e culturais que construíram a maternidade como um destino e uma vocação feminina, influenciando diretamente a percepção sobre quem seria o “agente natural” do cuidado infantil.

Esse fenômeno se manifesta de forma acentuada nas creches e pré-escolas, onde a presença masculina é frequentemente vista como uma exceção à regra (Rodrigues; Manholer; Gomes, 2020). Tal concepção reforça uma divisão sexual do trabalho que persiste em muitas esferas sociais, onde a mulher é predominantemente ligada ao cuidado e à esfera doméstica, e o homem à esfera produtiva e pública. Essa divisão, por sua vez, influencia a percepção social e acadêmica da atuação masculina na área, muitas vezes associando-a a um desvio do papel “tradicional” do homem, ou até mesmo a uma falta de “vocação” para o cuidado. Essa segregação ocupacional, baseada em estereótipos de gênero, cria barreiras invisíveis, mas poderosas, para a entrada e permanência de homens em profissões como a docência na Educação Infantil.



# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025

SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

## 2.2 Masculinidades e a Docência na Educação Infantil: Estereótipos, Preconceitos e a Experiência do “Não Lugar”

A presença de educadores homens na Educação Infantil desafia os estereótipos de gênero vigentes, levantando importantes questionamentos sobre a construção de identidades docentes. Esses profissionais frequentemente se deparam com preconceitos, olhares de suspeita e tentativas de segregação, que podem levar a experiências de isolamento e, em alguns casos, ao abandono da carreira (Nogueira; Assis, 2023). Vasconcelos e Pocahy (2013) abordam como as masculinidades hegemônicas, que valorizam a força, a racionalidade e a aversão ao cuidado, entram em conflito direto com as exigências afetivas e relacionais da docência infantil. Nogueira e Assis (2023) descrevem como esses homens vivenciam o medo e o “não lugar”, uma barreira simbólica que fragiliza sua permanência na profissão, sentindo-se deslocados ou inadequados em um espaço que não lhes é culturalmente destinado.

Pesquisas como as de Vasconcelos e Pocahy (2013) indicam que as suspeitas sobre a sexualidade, moralidade e capacidade de cuidado desses homens são recorrentes. Essas desconfianças, muitas vezes veladas, se manifestam em comentários, olhares e atitudes que questionam a legitimidade de sua presença e de suas práticas pedagógicas. Casos de segregação, como a atribuição exclusiva de turmas mais velhas, onde o contato físico e o cuidado direto com as crianças são menos intensos, ou restrições no cuidado corporal, como a proibição de trocar fraldas ou dar banho, reforçam uma cultura discriminatória que associa a masculinidade ao risco e à inadequação para o ambiente de cuidado infantil. Tais práticas, embora não explícitas em todos os contextos, criam um ambiente de trabalho hostil e minam a autoconfiança desses profissionais.

No entanto, estudos também indicam que esses profissionais desenvolvem estratégias de ressignificação de sua prática, demonstrando competências como paciência, sensibilidade e tato social, que desconstruem a ideia de que a aspereza atribuída ao masculino seja algo natural e imutável (Rodrigues; Manholer; Gomes, 2020). Ao se permitirem expressar e vivenciar a afetividade, esses educadores atuam como agentes de



# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025  
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

mudança, mostrando que o cuidado e a docência são habilidades humanas, não inerentes a um gênero específico.

### **2.3 A Afetividade e o Vínculo com as Crianças como Força de Resistência e Permanência**

Em contraposição às barreiras sociais e aos preconceitos enfrentados, o vínculo afetivo com as crianças emerge como um elemento fundamental de resistência e permanência para os homens na Educação Infantil. Enquanto os adultos, imersos em suas próprias construções sociais e preconceitos, podem nutrir desconfianças, as crianças demonstram uma capacidade ímpar de reconhecer o cuidado como uma relação de afeto e vínculo, desconsiderando as questões de gênero (Rodrigues; Manhóler; Gomes, 2020). A inocência e a abertura das crianças para estabelecerem conexões genuínas com seus educadores, independentemente de serem homens ou mulheres, criam um espaço onde os estereótipos de gênero perdem sua força.

A ausência de julgamento por parte das crianças, que buscam afeto e interação de forma natural, valida a presença e a ação desses homens, servindo como um contraponto às desconfianças e preconceitos que encontram no mundo adulto. Essa conexão genuína não apenas fortalece a identidade docente desses homens, mas também atua como um mecanismo de ressignificação de suas práticas, mostrando que o cuidado e a dedicação são atributos humanos, não restritos a um gênero específico. A afetividade, portanto, transcende a mera função pedagógica, tornando-se uma ferramenta de resistência contra as normas sociais que tentam limitar a atuação masculina na Educação Infantil.

### **2.4 O Papel Transformador da Formação Docente na Promoção da Diversidade e Inclusão**

A presença masculina na Educação Infantil, ao contrário de ser vista como algo excepcional ou estranho, precisa ser compreendida como uma oportunidade de transformação das práticas sociais e educativas. A atuação de homens nesse espaço, historicamente marcado pela feminização, questiona estereótipos e amplia a pluralidade



# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025  
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

de referências disponíveis às crianças, contribuindo para que elas construam concepções menos rígidas sobre os papéis de gênero (Rodrigues; Manholer; Gomes, 2020).

Nesse processo, a formação docente desempenha papel fundamental, uma vez que é por meio dela que se pode promover o debate crítico sobre preconceitos e práticas discriminatórias. Louro (1997) lembra que a escola não apenas reproduz normas de gênero, mas também pode se tornar um espaço de contestação e ressignificação dessas normas, tornando a preparação dos educadores um momento estratégico para a valorização da diversidade.

Para Hooks (2019), a educação deve ser entendida como prática de liberdade, comprometida com a transformação das relações sociais. Essa perspectiva reforça que a formação de professores precisa ir além da transmissão de conteúdos técnicos, incorporando reflexões sobre inclusão, igualdade e respeito às diferenças, de modo a fortalecer práticas pedagógicas democráticas.

Nogueira e Assis (2023) observam que, quando a formação docente aborda de forma crítica a feminização da docência, abre caminhos para o reconhecimento da presença masculina como legítima e necessária na Educação Infantil. Essa compreensão se torna ainda mais relevante quando articulada à dimensão da interseccionalidade, já que, como destacam Gonzalez (1988) e Munanga (2004), racismo e sexismo operam de maneira conjunta, gerando barreiras adicionais para homens negros que escolhem atuar no magistério infantil.

Na mesma direção, Gomes (2003) ressalta que a escola é um espaço de produção e disputa de identidades, no qual a diversidade precisa ser reconhecida e valorizada. A formação de professores, portanto, deve preparar os futuros educadores para lidar com diferentes experiências e realidades, promovendo uma prática pedagógica que legitime a pluralidade e contribua para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Assim, compreender a formação docente como um processo transformador significa reconhecer seu potencial de desconstruir preconceitos, fortalecer a representatividade masculina na Educação Infantil e afirmar uma educação que se comprometa verdadeiramente com a igualdade e a valorização da diversidade.



# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025  
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise de discurso, que permite explorar as subjetividades e as experiências dos participantes de forma aprofundada. A escolha por essa metodologia justifica-se pela necessidade de compreender as percepções, os sentimentos e as estratégias de ação dos educadores homens em relação aos desafios impostos pela feminização da Educação Infantil e pelas questões de gênero e raça.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com estudantes homens do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), que vivenciam estágios ou experiências profissionais em creches e pré-escolas. A entrevista semiestruturada, por sua natureza flexível, permitiu a exploração de temas emergentes durante a conversa, ao mesmo tempo em que garantiu a abordagem de questões predefinidas, essenciais para o desenvolvimento do estudo. O roteiro de entrevista buscou abranger percepções sobre a escolha profissional, os preconceitos enfrentados, as estratégias de permanência na área e as perspectivas de futuro.

Os dados coletados, por meio das falas dos entrevistados, foram analisados em articulação com o referencial teórico. Essa articulação permitiu que as narrativas individuais dialogassem com os conceitos e as discussões de autores que abordam gênero, identidade docente e a presença masculina na Educação Infantil, como Louro (1997), Badinter (1985), Vasconcelos e Pocahy (2011), Nogueira e Assis (2023), Rodrigues, Manhler e Gomes (2020), além de autoras que discutem raça e interseccionalidade, como Hooks (2019), Gonzalez (1988) e Gomes (2002). Essa triangulação entre dados empíricos e referencial teórico possibilitou a construção de uma análise aprofundada e contextualizada das experiências dos educadores homens neste campo profissional.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 4.1 Olhares de Suspeita e Preconceito

A desconfiança diante da presença masculina no cuidado com crianças pequenas foi um aspecto marcante nos relatos dos entrevistados, refletindo a forte associação



cultural entre o cuidado infantil e o feminino. Essa desconfiança se manifesta em atitudes e comentários que questionam a naturalidade e a adequação de homens nessa função.

Sim!! Alguns pais mostram insegurança, desconforto em ter um homem na sala de aula, normalmente não falam para o professor, mas a diretora que recebe a reivindicação. (Entrevistado 1)

Felizmente, não vivi episódios graves de comentários homofóbicos ou machistas direcionados a mim, mas já presenciei algumas situações em que, de forma velada ou indireta, meu papel como homem na Pedagogia foi questionado. Recebi um olhar de estranheza de uma mãe. (Entrevistado 2)

E quando eu entrei, o desafio começou... Eu percebi, na verdade, alguns olhares de alguns pais. Eu não consegui fazer na escola pública, eu tive que partir para um particular, sendo que até nelas eu tive dificuldade para entrar. E quando finalmente eu entrei, eu notava que sempre que eu estava na escola, alguns pais passavam e olhavam meio estranho para mim. Eu percebia que eles tiravam as crianças de perto de mim. (Entrevistado 6)

Estes depoimentos demonstram como a simples presença masculina em atividades de cuidado, como a troca de fraldas, pode gerar suspeitas. A sensação de estar “fazendo algo errado” revela o peso dos estereótipos de gênero, que atribuem a essas tarefas uma exclusividade feminina. Essa percepção, internalizada por parte da sociedade, coloca os homens em uma posição de constante vigilância e necessidade de justificar sua atuação. Conforme aponta a literatura (Vasconcelos; Pocahy, 2013), essa visão de que o cuidado é naturalmente feminino coloca os homens em constante suspeita, necessitando provar sua competência e inocência em um campo que não lhes é culturalmente “destinado”. Essa desconfiança, além de gerar constrangimento, pode minar a autoconfiança do educador e fragilizar sua posição profissional.

## 4.2 Isolamento e Sentimento de Não-Lugar

Outro aspecto recorrente nas narrativas foi o sentimento de isolamento e a sensação de não pertencimento vivenciados pelos entrevistados, especialmente em instituições onde a presença masculina é rara.

Eu era o único homem da escola inteira. Às vezes me sentia sozinho, parecia que não tinha lugar pra mim lá. (Entrevistado 3)

Já senti certa resistência durante o estágio. Algumas pessoas ainda têm preconceito ou estranheza em ver um homem cuidando de crianças pequenas. (Entrevistado 5)

# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025

SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

Eu percebo que ainda existe muito um estigma de que só mulher deve cuidar. E eu acho que isso é um estigma que a gente tem que acabar. Porque homens também podem... Eu sei que pedagogia não é só cuidar, mas homens também podem fazer esse papel. (Entrevistado 6)

Esse sentimento de solidão e de não ter um “lugar” no ambiente de trabalho é um reflexo direto da feminização da docência na Educação Infantil. A ausência de pares masculinos e a predominância de mulheres na equipe pedagógica podem gerar um sentimento de alteridade, onde o homem se percebe como diferente e, por vezes, deslocado. Essa experiência se alinha com as concepções de Nogueira e Assis (2023), que identificam a sensação de “não-lugar” como uma barreira simbólica que fragiliza a permanência desses profissionais. O “não-lugar” não se refere apenas à ausência física de outros homens, mas a uma sensação de não ser plenamente reconhecido ou aceito em sua identidade profissional nesse contexto. Esse isolamento pode dificultar a troca de experiências, o desenvolvimento de redes de apoio e a construção de uma identidade profissional mais consolidada.

### 4.3 Afetividade e Reconhecimento

Em contraposição às experiências de desconfiança e isolamento, o vínculo afetivo com as crianças emergiu como um importante fator de motivação e permanência para os educadores homens. A relação direta e afetiva com os pequenos, livre dos preconceitos que permeiam o mundo adulto, valida a atuação desses profissionais e reforça seu papel na Educação Infantil.

O vínculo de amizade, amor e confiança que as crianças tem para comigo. Esse contato com o ser humano é de extrema importância para ambos, tornando a relação professor e aluno algo mais prazeroso na aprendizagem. (Entrevistado 1)

Os afetos que mais mobilizam minha relação com a docência são a paixão pela educação, a empatia pelas crianças e a satisfação em ver o aprendizado acontecer. Esses sentimentos me impulsionam a continuar nessa jornada. (Entrevistado 4)

Estes relatos nos permitem pensar que, enquanto os adultos carregam preconceitos e desconfianças em relação à presença masculina no cuidado infantil, as crianças reconhecem e buscam o afeto e o cuidado de forma natural, sem associá-los a uma questão de gênero (RODRIGUES; MANHOLER; GOMES, 2020). A receptividade das crianças,



que respondem positivamente à interação, ao carinho e à brincadeira, independentemente do gênero do educador, serve como um poderoso reforço para a autoestima e a motivação desses homens. Esse reconhecimento por parte das crianças valida sua presença e sua capacidade de cuidar, atuando como um antídoto contra as barreiras sociais e os estereótipos que enfrentam. A afetividade, nesse contexto, não é apenas uma ferramenta pedagógica, mas um elemento de resistência e afirmação da identidade docente.

#### 4.4 Estratégias de Permanência e Resistência

Diante dos olhares de desconfiança, das piadas e do sentimento de isolamento, muitos educadores homens na Educação Infantil demonstram firmeza em resistir e em permanecer na profissão, muitas vezes impulsionados por um desejo de transformação social.

Olha, a minha trajetória do início até agora eu descreveria como superação, superação seria a palavra, porque eu já passei muitas citações constrangedoras, alguns escolas já fecharam a porta na minha cara, entre aspas, né claro, e se fosse para eu me descrever ou dar uma nota no caso, eu me daria um 7, que eu também preciso muito melhorar ainda, né? Mas a trajetória não está sendo fácil, não é fácil, eu acredito que não só para mim, mas para a maioria dos homens que estão na pedagogia. (Entrevistado 1)

Senti, sim. Em alguns momentos me vi desconfortável por ser homem num ambiente majoritariamente feminino e cheguei a duvidar do meu lugar ali. Lidar com isso foi buscar apoio nos colegas, professores e em reflexões sobre minha própria trajetória. (Entrevistado 2)

Sim!! Creio que todo universitário passa por essas crises que é normal ao longo do curso. Com ajuda dos colegas consegui superar e ser mais seguro na minha escolha pela pedagogia. (Entrevistado 3)

Os afetos que mais mobilizam minha relação com a docência são a paixão pela educação, a empatia pelas crianças e a satisfação em ver o aprendizado acontecer. Esses sentimentos me impulsionam a continuar nessa jornada. (Entrevistado 4)

O que podemos perceber é que a permanência na docência infantil, para esses homens, transcende o desejo pessoal de exercer a profissão. Ela se conecta a um projeto político e social mais amplo: o de desconstruir estereótipos de gênero e de provar que o cuidado e a docência são habilidades humanas, acessíveis a todos os gêneros. A firmeza em não desistir, mesmo diante de adversidades, demonstra uma resiliência notável e um compromisso com a mudança de percepções sociais. Ao afirmar que “homem também

# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025  
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

cuida”, o entrevistado não apenas valida sua própria atuação, mas também desafia a noção culturalmente arraigada de que o cuidado é uma atribuição exclusivamente feminina. Essas estratégias de resistência, muitas vezes silenciosas e cotidianas, são fundamentais para abrir caminhos e legitimar a presença masculina em um campo profissional historicamente feminizado.

#### 4.5 Interseccionalidade: Gênero e Raça na Docência

Embora os entrevistados não tenham trazido diretamente a questão racial em suas falas, a tive uma percepção de que os educadores de pele mais escura enfrentaram maiores resistências em seus estágios. Ao observar as interações e os relatos, percebi que, para alguns dos estudantes negros, a carga de desconfiança e a necessidade de provar sua competência pareciam ainda maiores. Isso me leva a crer que a experiência de ser homem na Educação Infantil se entrelaça com a experiência de ser negro, amplificando os desafios e as barreiras.

Essa percepção dialoga com Gonzalez (1988) e Gomes (2002), que apontam como o racismo opera de forma articulada com o sexismo, ampliando desigualdades. A interseccionalidade, como ferramenta analítica, é essencial para compreender como diferentes marcadores sociais se entrelaçam e afetam as experiências dos indivíduos. A experiência de um homem negro na Educação Infantil pode ser atravessada por desafios adicionais, decorrentes tanto do preconceito de gênero quanto do preconceito racial. A necessidade de pesquisas que abordem essas múltiplas dimensões é clara.

#### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos trouxe elementos que apontaram para o fato de que os homens na Educação Infantil vivenciam barreiras de ordem simbólica e prática, como olhares de suspeita, restrições no cuidado corporal e isolamento. Contudo, emergem também estratégias de resistência e permanência, fundamentadas na afetividade e no desejo de desconstruir estereótipos de gênero. A afetividade, em particular, revela-se como um elo poderoso entre o educador homem e as crianças, validando sua presença e sua prática pedagógica.



# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025  
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

A percepção sobre os desafios mais intensos enfrentados por educadores negros aponta para a necessidade de pesquisas interseccionais, que considerem simultaneamente gênero e raça como marcadores sociais. Compreender como essas diferentes identidades se cruzam é crucial para desenvolver políticas e práticas verdadeiramente inclusivas.

Nesse sentido, é fundamental compreendermos que a presença masculina na Educação Infantil não deve ser vista como exceção, mas como possibilidade de ampliar referências para as crianças, democratizar o espaço escolar e contribuir para uma educação inclusiva e plural. Ao desconstruir estereótipos e ao valorizar a diversidade de gênero em todos os seus aspectos, a escola se fortalece como um ambiente de aprendizado e crescimento para todos, preparando as crianças para um mundo onde a equidade e o respeito às diferenças são valores essenciais. A promoção ativa da entrada e permanência de homens na Educação Infantil é, portanto, um passo fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores. *Educação e Pesquisa*, v. 29, n. 1, p. 167–182, 2003.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, São Paulo: ANPOCS, 1988.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

VASCONCELOS, Francisco Ullissis Paixão e; POCAHY, Fernando Altair. “Não é a mamãe?”: a presença de homens educadores como elemento na problematização da agonística social da feminização da educação infantil. *Textura*, Canoas, n. 28, p. 129–146, maio/ago. 2013.



# CONBEGSC

Congresso Brasileiro de  
Educação, Gênero e  
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025  
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,  
Educação e Interseccionalidades  
pensadas a partir do Interior do Brasil

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 2004.

NOGUEIRA, Marcos; ASSIS, Robson. O estagiário homem na educação infantil e os desafios de sua formação. *Revista ENSIN@ UFMS*, Três Lagoas, MS, v. 4, número especial, p. 97–113, dez. 2023.

RODRIGUES, Elisabete; MANHOLER, Maria; GOMES, Emanuel. Em busca de identidade: educação infantil é lugar de homem? *RIAAE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 15, n. esp. 3, p. 2298–2313, nov. 2020.

